

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,800	1,900	950	4120
Possessões ultramarinas (idem),...	4,000	2,000	—	—
Extrang. (unção geral dos correios)	5,000	2,500	—	—

18.º Anno — XVIII Volume — N.º 606

25 DE OUTUBRO DE 1895

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Complicações diplomaticas — assumpto pesado; revoltas na India, guerras em Lourenço Marques — assumpto triste.

Vibram as campainhas electricas, batem pancadas irregulares as alavancas nos receptores, correm os pobres distribuidores dos telegrammas, adormecem cansados sobre os appparelhos os telegraphistas. A viagem d'El-Rei Nunca Portugal foi tão falado nos centros politicos da Europa. D. Carlos, Humberto, o Papa, Mouza, Roma, o sobrinho d'El-Rei de Italia, Sua Magestade Fidelissima...! E afinal talvez tenha razão quem disse que Portugal fóra apenas o porquinho da India em que fizeram experiencia cruel as grandes potencias.

Choram as noivas, choram as mães, porque os noivos, porque os filhos vão talvez bater-se na India, andam a bater-se pela Africa. E enquanto a diplomacia trata de aclarar casos escuros, d'El-Rei um sorriso compassivo, cheio de esperanza, as que hão de sorrir n'uma esperanza por entre as lagrimas.

O tempo vai triste e chuvoso, o sudueste canta lugubre encapellando o Tejo, a barra roge ao longe, o céu é pardo, as aguas são pardas, as almas entristecem por este tempo chuvoso. Couados dos que foram para longe! Anoitece já cedo agora e pelas longas noites, durante o serão, bem fechadas as janellas, na mansidão da luz do velho candeiro, ouvindo a chuva a bater nas vidraças, vai a lembrança para os que

foram para longe e deixaram o frio n'aquella casa.

Na saudade verdeja uma esperanza. Tristes d'aquelles a quem a esperanza fugiu.

Marco ha de chegar florescendo as olaias; as cigarras hão de cantar nos ramos floridos. As almas dos tristes hão de florescer tambem; nos cabellos brancos das mãos, nos labios rubros das noivas da de estalar uma musica de beijos.

All's well that ends well. Tudo ha de acabar em bem, e chega a ser um bem a dor presente quan-

do fonte de vindouras alegrias. Tristes d'aquelles a quem a esperanza fugiu, a derradeira esperanza com a alegria. Chove constantemente. Não ha um pedacinho de céu azul entre os rasgões das nuvens. Precisamos procurar refugio á tristeza que nos invade.

A arte é como a religião, balsamo milagroso para os que n'alla sabem crer, alto, consolador refugio das almas afflictas, filha querida de todas as religiões, altissima, poderosa companheira do christianismo, que a inspirou para a mais com-

movente das architecturas, para os seus quadros geniaes, para a mais bella das poesias, para a mais arrebatadoura das musicas.

Falamos d'arte, falemos de Novelli; vejamos até que ponto o talento privilegiado, o esforço d'uma vontade energica, a fé n'um ideal, a constancia n'essa virtude, que se chama honra artistica, puderam transformar esse quasi-mytho da *Simplicidade* na verdade visivel que nos commove, nos faz chorar, nos entusiasma e nos deslumbra.

Esse deve ser o ideal de todos os artistas e nada mais complicado entretanto do que o caminho para attingil-o, caminho cheio de monstros como o dos romances de cavalleria. No alto da rocha quasi inaccessible ergue-se o castello luminoso; mas para lá chegar, para arvorar o pendão branco na torre de monagem, ha florestas negras a atravessar onde os espinhos se entrelaçam, rochas abruptas a subir que deixam as mãos em sangue, labyrinthos onde os mais sagazes se perdem; é preciso esmagar nos outros a ignorancia, os erros preconcebidos, dar-lhes olhos para distinguir o ouro do latão, o diamante do vidro, dar-lhes ouvidos que não afaguem palavras sonoras porque são ócas; em nós mesmos, adoradas criações do nosso egoismo, carne da nossa carne, é forcoso esmagar a vaidade que

EXPEDIÇÃO MILITAR PARA A INDIA



S. A. O SR. INFANTE D. AFFONSO — COMMANDANTE DA EXPEDIÇÃO

(Cópia de uma photographia de sr. A. Bobone)

nos tenta a colher os applausos baratos e faceis, a preguiça que nos leva a não procurar meios de commoção afóra os que já sabemos certos, a mentira com que já nos enganamos a nós mesmos a força de com ella termos enganado os outros.

A simplicidade resultante d'um aturado estodo, n'um esforço fatigante, d'uma vontade dominadora, d'um adejo constante para um ideal intangível, é a grande, a extraordinaria qualidade de Novelli, é ella quem o sagra artista, quem sobre a sua bella cabeça colloca a tiara d'ouro de summo sacerdote.

Como vai longe o ideal do actor que d'antes, no papel procurava primeiro os effeitos, antes de mais nada. *Os effeitos!* Terrível monstro de lingua bifurcada, garras de leão, azas de morcego, cauda de serpente, que está a pedir um S. Jorge que lhe enterre a lança nas goelas a lançarem chammas e fumo negro!

Os effeitos quer dizer as palmas do publico. E, n'este circulo vicioso do que o publico quer e do que se lhe deve dar, soffre a arte innocente, a arte redemptora, a arte refugio.

Não é só no theatro, e, se falei de effeitos e de actores, foi porque vinha a pelo e falára de Novelli. O mau gosto, o desejo de fazer crer o que não é, de dar na vista, de ser applaudido pela tolice apparatusa são vicios vulgares n'este fim de seculo, mórmente na sociedade em que o nivel intellectual desceu a uma mediocridade assustadora. Quem a conheceu bem foi aquelle cangalheiro que annunciou enterros pobres parecendo ricos. Que importa o que é? Basta que importe o que parece.

Ha tempos um janota de verão, sem collete, chapéo de palha, cinta preta, bota branca, flôr na lapella, typo classico de praia burgueza, sahidiño n'aquelle instante d'um armazem de modas chô-chas; contente com a sorte e consigo, benza-o Deus, defronte do theatro de D. Maria, d'onde saem os americanos, contemplava as ruinas do Carmo. Conversava com outros.

Um d'elles era de opinião que se devia arrazar aquillo, aquella porcária. O outro meditava. E por fim:

— O que era catita era um chalet ali em cima. Os outros olharam para elle.

— Que cabeça!

Effectivamente um chalet ficava ali em cima quasi tão catita como fica a fábrica do gaz por detrás da torre de Belem. Aquelle enorme cylindro negro, aquelle alta chaminé vomitando fumaradas negras, os enormes depositos de carvão negro, as almas negras que votaram aquella negregada construcção, gritam, berram com toda a força dos pulmões ao viajante que entra pela barra:

— Olha! olha! Tu pensas que ainda estamos agarrados ás trevas do passado? Que nos importam tradições? O progresso é tudo! O progresso!

E incham as bochechas para dizer: — O progresso!

Como ha de esta gente da telha de Marselha e das bolas de vidro aos cantos do telhado perceber que esforço é necessario para attingir na arte essa scientifica, elegante, idealissima simplicidade de curva mathematica sempre a caminhar para o infinito, sempre a approximar-se da asymptota, a linha intangível?



O ACTOR NOVELLI

Novelli é mais de que um actor, é um missionario, modelo para todos os artistas, pregando a fé com o exemplo, mostrando a força colhida na fonte da honestidade.

Vimol-o no *Papá Lebonnard*, no *Luiz XI*, no *Oswald dos Espectros*, no condemnado da *Morte civil*, no personagem principal d'uma ligeira comedia franceza, no *Diogenes* e em outro monologo, e sempre Novelli procurou pelo processo mais simples, pelos meios mais naturaes dar a necessaria commoção, dentro dos limites do bom senso e do bom gosto.

O publico para elle desapareceu. Como lhe seria facil ás vezes fazer explodir os applausos, levantar entusiasticamente a turba, encoquecer aquellas gargantas. Sofresse a arte embora. Porque o não faz?

E' que Novelli não faz scenas, faz papeis. E' que Novelli traz consigo uma obra e é preciso vel-o em tudo para perceber qual o ideal que pretende attingir, qual a fé que prega, qual a paixão que o abraza.

Pode uma vez ou outra ser discutivel a interpretação d'um papel, quando, por exemplo, se trata d'uma peça romantica com situações calculadas, effeitos preparados, contrastes brutaes em que muitos auctores fundaram as suas melhores esperanças e que Novelli esfuma até quasi fazel-os desaparecer, emendando quasi a peça no que elle tenha de mais afastado do ideal artistico do seu interprete. Citarei, que me lembre agora, o final do terceiro acto do *Luiz XI*, em que Novelli em tom de conversação, despresando a rubrica, que lá está ou deveria estar no pensamento de Casimir Delavigne, manda que a córte vista de luto pela morte do duque de Borgonha. O contraste na forma d'um papel, que muitas vezes desmancha completamente um caracter traçado, foi por muito tempo, e ainda o é hoje, truque valido de muitos auctores, laço grosseiro em que o publico cahia e cai constantemente. Era um effeito certo n'um papel. Deve o actor lançar mão d'elle, respeitando o pensamento do auctor? E' ponto discutivel e pode uma consciencia tranquillizar-se se põe os olhos n'um ideal superior a uma obediencia cega. Discutivel é tambem se um actor é criador ou não.

Foi um verdadeiro acontecimento artistico a primeira recita do celebre artista italiano com o *Papá Lebonnard*, mas a representação dos *Espectros* que pela primeira vez em Lisboa tornaram conhecido o nome glorioso de Ibsen, o pujante dramaturgo norueguez, foi certamente o maior acontecimento litterario d'estes ultimos annos em Portugal.

A Novelli o devemos. Santo refugio aos tempos tristes que vão correndo.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

A EXPEDIÇÃO MILITAR PARA A INDIA

Mais uma revolta na India portugueza vem juntar-se a guerra que se fere na provincia de Moçambique, contra o Gungunhama, havendo ainda outra revolta em Timor, que reclama as providencias do governo da metropole.

Esta successão de guerras no ultramar estão reclamando mais alguma coisa que simples expedições militares altamente dispendiosas e que mal satisfazem ás necessidades de momento.

Parece que é tempo de cuidar seriamente nos nossos dominios de além mar, organisando o exercito a modo de garantir a integridade da patria, sem estas medidas extraordinarias, que pela frequencia que estão tendo e que, infelizmente, é de esperar se continuem, bem indicam a necessidade de uma grande reforma na organização militar, que torne mais effectiva a sua acção quer na metropole quer no ultramar, sem os graves inconvenientes que assim apresenta.

A insubordinação militar que se deu agora na India é um dos inconvenientes da actual organização do nosso exercito, pois que a ella deu causa.

O governo precisando mandar mais forças militares, para a provincia de Moçambique deu ordem ao governo da India para d'ali serem mandadas, como já o foram em outras occasiões, mas exactamente por isso é que d'esta vez se insubordinaram os marathas, com o fundamento de lhe terem faltado ao que d'outras vezes lhe prometeram.

Esta é uma das versões que correu sobre a causa da insubordinação que se deu agora.

A noticia da insubordinação de cerca de 400 marathas que se negaram a ir para Moçambique conforme as ordens do governo da metropole, não podia ser mais grave.

Os marathas haviam abandonado os quartéis em a noite de 14 do corrente, armados e municados, em altas exclamações pelo seu Deus, e disparando tiros para o ar, dirigindo-se para Ribandar. Tinham sido inuteis todos os esforços e intimações do commandante, sr. Felner e de outros officiaes, para chamar á ordem os insubordinados, não havendo confiança no resto das forças, que pouco a pouco se lhe foram unir sem se lhes poder oppôr resistencia.

A causa apparente da insubordinação era, a ordem de partirem para Moçambique; é todavia certo que outras causas, além das que referimos a determinaram, não sendo a de menos peso o descontentamento que lavra na classe militar indiana pela ultima reforma decretada.

O governador da India sr. visconde de Villa Nova de Ourem, enviou contra a tropa insubordinada, o resto das forças militares que se conservavam fieis, mas estas debandaram sem presguirem os seus camaradas, o que deu em resultado ficar a cidade desgarrada e o governo sem força para garantir a ordem.

Em telegramma recebido em Lisboa no dia 10 do corrente, participava o governador que os marathas em Ranes tinham roubado o cofre e lançado contribuição, e o mesmo tinham feito em Sanquelim, Bicholim, Mapuçá e Pernem recendo por outras provincias.

Acrescentava ainda o telegramma, que o governador se achava intrincheirado na capital com alguns officiaes, empregados e policia, duvidosa, tendo distribuido armas aos proprietarios.

Estavam por enquanto salvos os cofres da fazenda, em Goa.

O governo da metropole tinha entretanto dado as providencias que o caso reclamava, e com preseteza pouco vulgar organisou immediatamente uma expedição militar para ir em soccorro da India.

Essa expedição composta de duas companhias de guerra de infantaria 3, na força de 444 praças, e 11 officiaes; uma companhia de cavallaria 5, na força de 70 praças e 4 officiaes; uma secção de artilheria de montanha, na força de 40 praças, 1 official e 10 mures; pessoal de serviço de saude e de administração militar, apromptou-se em 5 dias partindo de Lisboa a bordo do vapor *Zaire* da Companhia Nacional, no dia 21 do corrente.

Commandando esta expedição foi Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso, tenente coronel honorario de artilheria, de que publicamos o retrato na primeira pagina.

O sr. infante D. Affonso tomando o commando da expedição, afirmou patrioticamente os seus brios militares, deixando as commodidades da sua vida de principe pelos incommodos e azares da guerra em longiquas regiões, out'ora illustradas com tantos feitos gloriosos dos Gamas, Castros, Albuquerque e tantos outros.

A esta força do exercito deve juntar-se uma esquadilha de guerra, que o governo mandou reunir no mar da India, sob o commando do sr. Ferreira do Amaral.

Dias antes da partida da expedição, seguiu para a India o capitão de fragata sr. Raphael Jacome Lopes de Andrade, nomeado governador geral da India em substituição do sr. visconde de Villa Nova d'Ourem.

O sr. Lopes de Andrade, de que publicamos o retrato, é um dos mais distinctos officiaes da armada com longo tirocinio e que tem desempenhado commissões de governo no ultramar por varias vezes.

Nasceu em Lisboa a 1 de outubro de 1851, filho do commendador Raphael José Lopes de Andrade, grande liberal.

Tem desempenhado commissões de commando entre estas o da *Rio Lima*, em que se distinguio de modo brilhante.

Nomeado governador de Timor, em occasião que esta possessão portugueza se achava revoltada, o seu governo foi acertado e a naz restabelecida, passando depois ao governo de Moçambique.

N'esta possessão o seu governo foi alvo de grandes opposições pelos abusos que cortou, tendo ainda a guerra contra os macanjas, que lhe valeu a commenda da Torre e Espada, pelo modo porque a venceu.

Foi depois nomeado governador geral da India, onde pelas mesmas razões que em Moçambique, o seu governo teve opposição, e agora para lá volta novamente em occasião difficil, o que torna a sua missão tanto mais espinhosa.

A pag. 236 publicamos uma vista do palacio do governo em Pangim, residencia do governador, e onde se tem reunido os juizes, ecclesiasticos e auctoridades para accordarem com o governador sobre o melhor meio de chamar os insubordinados á ordem e evitar que elles commettessem maiores excessos contra a população desarmada.

O COURAÇADO 24 DE MAIO EX-«AQUIDABAN»

Entrou a barra de Lisboa na noite de 25 de Setembro ultimo depois de 35 dias de viagem e fundou em S. Jose de Ribamar seguindo na manhã do dia 26 para o quadro dos navios de guerra portuguezes amarrando n'uma boia do arsenal da marinha o couraçado brasileiro 24 de Maio, antigo Aquidaban, que desempenhou papel tão importante na ultima lucta civil sendo o quartel general do almirante insurrecto Custodio José de Mello.

O celebre navio vem pintado de branco e traz mastros militares como representamos em gravura na pagina 237.

A outra gravura que vai na mesma pagina representa a coberta do 24 de Maio com as duas torres e a respectiva artilheria as diferentes baterias canhões revolveres nos mastros militares etc.

Por esta planta se vê o poder d'este couraçado pois pode fazer fogo em todas as direcções.

Este navio exteriormente apresenta signaes evidentes das renhidas luctas em que tomou parte.

N'outra gravura apresentamos o Aquidaban como era antigamente, pois em vez de mastros militares o seu aparelho era de galera.

O Aquidaban foi lançado ao mar em Inglaterra em 1885. É de aço, forrado de cobre, com 85 metros de comprimento e 16 metros de bocca; desloca 4050 toneladas, demandando 18 pés. Tem dois helices. As machinas na experiencia, de envolvendo 6200 cavallos, imprimiram-lhe a marcha correspondente a 15 milhas por hora. Os patoes comportam 600 toneladas de carvão. O Aquidaban estava armado durante a revolta com 4 peças de 23 centímetros em duas torres collocadas em diagonal, a de vante a bombordo e a de ré a estibordo; estas peças, que pesam 20 toneladas, estão collocadas a par, duas em cada torre. As torres são movidas porapparehos hydraulicos. A bateria secundaria é constituída por 4 peças 70 pounds de 5 toneladas, 2 peças de tiro rapido e 13 metralhadoras. A protecção é dada por uma cintura couraçada compound de 28 centímetros. A bateria e as torres têm couraça com espessuras, variando de 25 a 20 centímetros. Para lançar torpedos possui o Aquidaban 5 tubos. Este navio, bastante notavel na epoca em que foi construido, importou, fóra o armamento, em libras 345:000.

Hoje, da sua artilheria traz apenas os quatro canhões das torres, tendo deixado a restante nos arsenaes do Rio de Janeiro a concertar.

O couraçado é commandado pelo capitão de mar e guerra, sr. A. R. N. Balfort, e tem além d'este os seguintes senhores officiaes: immediato, o capitão de fragata João Antonio Soares Dutra; os capitães-tenentes Joaquim Pinto Dias, João José da Costa, Figueiredo, Julio Alves de Brito, Amyntas José Jorge, Henrique Boiteux e Athanagildo Lopes da Cruz, 1.º tenente Antonio Alves Ferreira da Silva; cirurgiões de 5.ª classe, drs. Antonio Ferreira da Silva e Flavio de Sousa Mendes; pharmaceutico de 2.ª classe, Gaudencio José dos Santos, commissario de 4.ª classe, João Baptista Bellamy; seis machinistas e 12 ajudantes. A guarnição é de 204 praças.

O couraçado tem um grande rombo á prôa abrangendo dois compartimentos, passando abaixo da linha de agua. Esta avaria foi produzida em Santa Catharina por um torpedeiro do governo ao ser subjugada a revolução. Julgou-se que o Aquidaban ficaria perdido, mas como estivessem fechados os compartimentos estanques, apenas afocinou sem maiores consequencias. Tem ainda outras pequenas avarias de que se veem signaes.

O navio chefe da esquadra revoltosa, a bordo do qual andava Custodio de Mello durante a revolução brasileira, forçou 6 vezes a barra do Rio de Janeiro, apesar da sua cuidadosa defesa em fortalezas e em canhões poderosissimos.

Todas as marinhas estrangeiras seguiam com a maior attenção as manobras d'este vaso de guerra, que provou indiscutivelmente a superioridade dos grandes couraçados, quando hem commandados e audaciosamente dirigidos.

Foi tambem o Aquidaban que comboiou o Alagoas, o celebre navio onde o imperador D. Pedro II, ao proclamar-se a republica, teve de partir para a Europa.

—Por uma coincidência notavel, o Aquidaban esteve ancorado junto da corveta Mindello, que

tão celebre se tornou tambem durante a guerra civil.

O 24 de Maio foi muito visitado durante o tempo que esteve fundeado no Tejo, sendo os visitantes recebidos a bordo com as mais distinctas attencões pelo digno commandante e officiaes, que da melhor vontade lhes franqueavam o navio.

O «24 de Maio» largou do Tejo no dia 21 do corrente com destino a Stettin, na Alemanha.

LUIZ PASTEUR

Desde 1884 que principiou a circular por todo o mundo civilisado o nome de um homem, como benemerito da humanidade, pela grande descoberta que fizera de um remedio para combater a hydrophobia, remedio procurado em vão durante seculos por tantos sabios empenhados na sua descoberta.

Esse nome era o de Pasteur, o grande sabio e o grande chimico francez, que a França acaba de perder, e cuja falta a humanidade inteira tem que lamentar, porque a sua obra é de todo o mundo, os seus beneficios alcançam toda a familia humana que não tem fronteiras.

Foi um verdadeiro apostolo da sciencia a que devojou a vida inteira, e criou em volta de si uma pleiade de discipulos que constituiram uma como que comunidade de que Pasteur era o superior. E ainda bem que assim é porque fica assegurado a continuacão do util instituto, para os trabalhos de investigacão no descobrimento de remedios contra tantas doencas ainda hoje consideradas incuraveis.

O Instituto Pasteur é effectivamente um convento, como lhe chamam em Paris; um convento na regra com que vivem os homens que ali se dedicam ao estudo da sciencia bacteriologica, desprendidos das cousas terrenas, todos entregues ao estudo das questões que lhe são incumbidas, vivendo modesta e parcamente, para poderem ceder em beneficio do Instituto o melhor de seus vencimentos, com uma isensão espartana, no amor commum da sciencia.

E assim que Duclaux, sub-director do Instituto Pasteur, cede para alimentos dos estudantes do Instituto, 1200 francos dos 4:000 que tem por anno de ordenado, e Roux, um dos bacteriologistas mais distinctos, d'esta escola, o descobridor do soro anti-diphtherico, dá, para o fundo do mesmo instituto 3.000 francos por anno, dos 10:000 que ganha.

Duclaux e Roux são duas notabilidades da sciencia bacteriologica que, dirigindo o Instituto Pasteur, continuarão a obra do grande chimico de que ha tantos beneficios a esperar para a humanidade.

Luiz Pasteur nasceu em Dole (Jura) a 27 de dezembro de 1822. A sua passagem pelas escolas foi das mais brilhantes, e aos 24 annos de idade Pasteur era aggregado das sciencias phisicas na Escola Normal sendo preparador de chimica. Em 1848 foi nomeado professor de phisica para o lycceu de Dijon, tendo já o grau de doutor em sciencias. Pouco tempo depois passou a Strasburgo a occupar o lugar de substituto da cadeira de chimica da Faculdade de Sciencias, de que ficou effectivo, em 1852. Em 1854 foi encarregado de organizar a Faculdade de Sciencias de Lille, voltando para Paris em 1857 a tomar a direcção scientifica da Escola Normal. Em 1863 foi nomeado professor de phisica e chimica da Escola de Bellas-Artes de Paris, e pouco depois professor de chimica da Sorbonna.

No desempenho d'estas commissões officiaes Pasteur proseguiu sempre em suas investigações scientificas de modo que, em 1856 a Sociedade Real de Londres conferia-lhe a medalha Rumford pelos seus trabalhos sobre as relações da polarisação da luz com a hemiedria nos chrystaes e a medalha de Copley, em 1874. Em 1868 ganhou o premio de 10:000 florins offerecido pelo governo d'Austria ao melhor remedio contra o mal dos bichos da seda, e, em 1873 outro premio de 12:000 francos offerecido pela Sociedade Propagadora pelos estudos feitos sobre os bichos de seda, vinhos, vinagres e cervejas. Em 1873 foi eleito membro da Academia das Sciencias, depois da Academia de Medicina e o governo confere-lhe a commenda da Legião de Honra, tendo Pasteur já uma pensão de 12.000 francos annual concedida pela Assembléa Nacional e a jubilação de professor.

Pasteur entrou na celebre questão scientifica sobre a geração espontanea tendo por contendor Gabriel Penchet, pronunciando-se a Academia pelas doutrinas do sabio bacteriologista alcançando Pasteur o grande premio, em 29 de dezembro de 1862.

Foi em 1884 que Pasteur apresentou á Acade-

mia o relatório sobre a hydrophobia de collaboração com Chamberland e Roux. Está na lembrança de todos os resultados d'esse relatório, que deu a conhecer ao mundo os trabalhos de Pasteur sobre o virus rabico preservativo da raiva. A França criou o Instituto Pasteur para a cura dos raivosos e es udox bacteriologicos, as nações mais adiantadas da Europa criaram tambem institutos para a cura d'aquella doença, não sendo Portugal dos ultimos a estabelecer tambem um instituto bacteriologico para a cura da raiva, tendo sido dos primeiros a acclamar o grande sabio.

São muitos os livros que Pasteur lega á posteridade, de entre elles citaremos: *Nouvel exemple de fermentation déterminée par les animalcules infusoires pouvant vivre sans oxygène libre*, 1863, *Etudes sur le vin, ses maladies, les causes qui les provoquent*, 1866, *Etudes sur le vinaigre, ses maladies, moyens de les prévenir*, 1868, *Etudes sur la maladie des vers à soie*, 1870, *Quelques réflexions sur la science en France*, 1871, *Nouvelles études sur la maladie des vers à soie*, 1870, *Correspondance entre un savant prussien pendant la guerre*, 1871, *Etudes sur la bière, ses maladies, les causes qui les provoquent*, 1876.

Pasteur falleceu na sua casa de Garches, pela madrugada do dia 29 de setembro. A sua morte produziu grande sentimento em toda a França e no mundo inteiro.

O funeral foi feito á custa do governo, e o presidente Faure enviou pezames a viuva de Pasteur em nome da França. De toda a parte foram enviadas eguaes demonstrações de sentimento a M.^{me} Pasteur.

O governo portuguez enviou ao nosso ministro em Paris, pezames para este os transmittir ao ministro dos estrangeiros da França.

O conselho da Escola Medica de Lisboa na sessão de abertura das aulas, resolveu por unanimidade, lançar na acta um voto de sentimento pela morte de Pasteur, enviando á viuva um telegramma de pezames.

Eguaes demonstrações foram feitas pela Sociedade das Sciencias Medicas, Instituto 19 de Setembro e pela Junta Consultiva da Saude Publica, por proposta do sr. Guilherme Ennes.

O EUROPEISMO E O NATIVISMO

Dissemos no nosso anterior artigo a pag. 226 d'este jornal que o nativismo ou para melhor dizer o indianismo era uma forma repugnante e subversiva. Vamos hoje explicar o nosso pensamento.

É mister descer á raíz d'estas duas palavras. O nativismo deriva da palavra latina *natus*. Quem diz nativismo applicado a um povo quer dizer naturalismo por origem. Quem diz indianismo quer exprimir a ideia de naturalidade applicada á India: Em relação á India Portugueza a palavra nativismo tem o sentido de figurar a India uma collectividade que comprehende todos os individuos naturaes d'esta região. O indianismo significa o mesmo que significa para os povos da America septentrional o celebre aphorismo lançado há pouco tempo no terreno da discussão e ainda distanciado da sua realisacão pratica — a America para os Americanos; o mesmo que significa para os naturaes da America meridional o Brazil para os brasileiros.

Será isto o que pretendem talvez inconscientemente os fautores do nativismo, do indianismo?

Pôr simplesmente a questão é decidida quasi peremptoriamente.

Na India Portugueza comprehendem-se não só os indigenas propriamente ditos, os *hindus* a raça primitiva, a raça aryaná, os *chardos*, os *brahmas* mas os *descendentes* das duas grandes raças a indiana e a europeia vulgarmente assim denominados.

A raça europeia na India Portugueza não está evidentemente em proporção com as raças que a habitam, por circunstanças que o curto espaço d'este artigo nos inibe de desenvolver.

Se na India Inglesa o elemento europeu está muito longe d'estar em proporção com as diferentes raças que a habitam, na India Portugueza pôde dizer-se que attinge limites *microscopicos*.

O que motivou o actual estado do coizas na India Portugueza?

O historiador que quizesse discutir esta these á luz dos factos historicos, tinha de remontar á origem do nosso dominio na Asia, e de todas as suas evoluções desde a conquista até aos nossos dias.

Assim, remontando á origem dos factos, na sua ordem chronologica, teria d'apreciar as razões que determinaram a metropole portugueza a supprimir o exercito da India e a substitui-lo nem mesmo por uma sombra d'exercito, mas por corpos policiaes.

EXPEDIÇÃO MILITAR PARA A INDIA

Era logica esta supressão ou extinção do exercito indiano em todos os seus elementos d'organisação? Estava ella em harmonia com a organisação militar não só dos povos modernos, que possuem colonias distantes, como são a Grã-Bretanha, a França, a Hespanha e a Allemanha?

Quem se atreverá hoje a decidir pela affirmativa?

Poude a republica e depois o imperio romano, manter a integridade colonial, e o seu prestigio militar, durante seculos, não deixando d'enviar as suas legiões ás diferentes regiões em que fluctuava a bandeira nacional, impellidos assim pela força natural das coisas, e Portugal, pequena nação do occidente da Europa, que carecia mais do que nenhuma outra de vigiar pela conservação do seu dominio na India, havia de desinteressar-se completamente d'essa ideia salvadora?

Foi portanto na nossa humilde opinião, então, como hoje, um erro fatal esse da extinção do exercito indiano, que deixou a India á mercê das ondas revoltas dos acontecimentos.

E' verdade que a não do Estado indiano foi dirigida algumas vezes por intrepidos pilotos como foram o Visconde de Villa Nova d'Ourem, o general Visconde de S. Januario, o vice-almirante Caetano d'Albuquerque.

E' verdade que sob a sua administração se operaram n'aquella região prodigios de severa e boa administração colonial, mas é tambem verdade que elles foram muitas vezes

contrariados e mal dirigidos, diga-se a verdade, pelo ministerio da Marinha e Ultramar.

Resumindo pois as nossas considerações sobre o *nativismo*, sobre o *indianismo* affigura-se-nos que estas ideias applicadas á India Portugueza são antinomicas e repugnantes cuja demasiada centralisação tem sido obnoxia e fatal, no passado como no presente.

Não é que na Secretaria da Marinha e Ultramar não existam individualidades distinctas e competentemente habilitadas, capazes de desempenhar condignamente o papel de ministro ou de director geral, mas é porque em virtude do principio juridico *ad impossibilia nemo tenetur* não se pode exigir dos seus illustrados membros esforços sobrehumanos, que obstem ao esphacelamento do nosso dominio colonial na Asia, nas duas Africa e na Oceania: esphacelamento derivado de uma demasiada centralisação.

A prova desta asserção está nos poderes latitudinarios concedidos ao nosso actual commissario regio em Moçambique, faculdades ultimamente decretadas pelo actual gabinete e concedidas ao distincto oriental dos Açores, Ilha de S. Miguel, a mais rica, a mais populosa do archipelago.

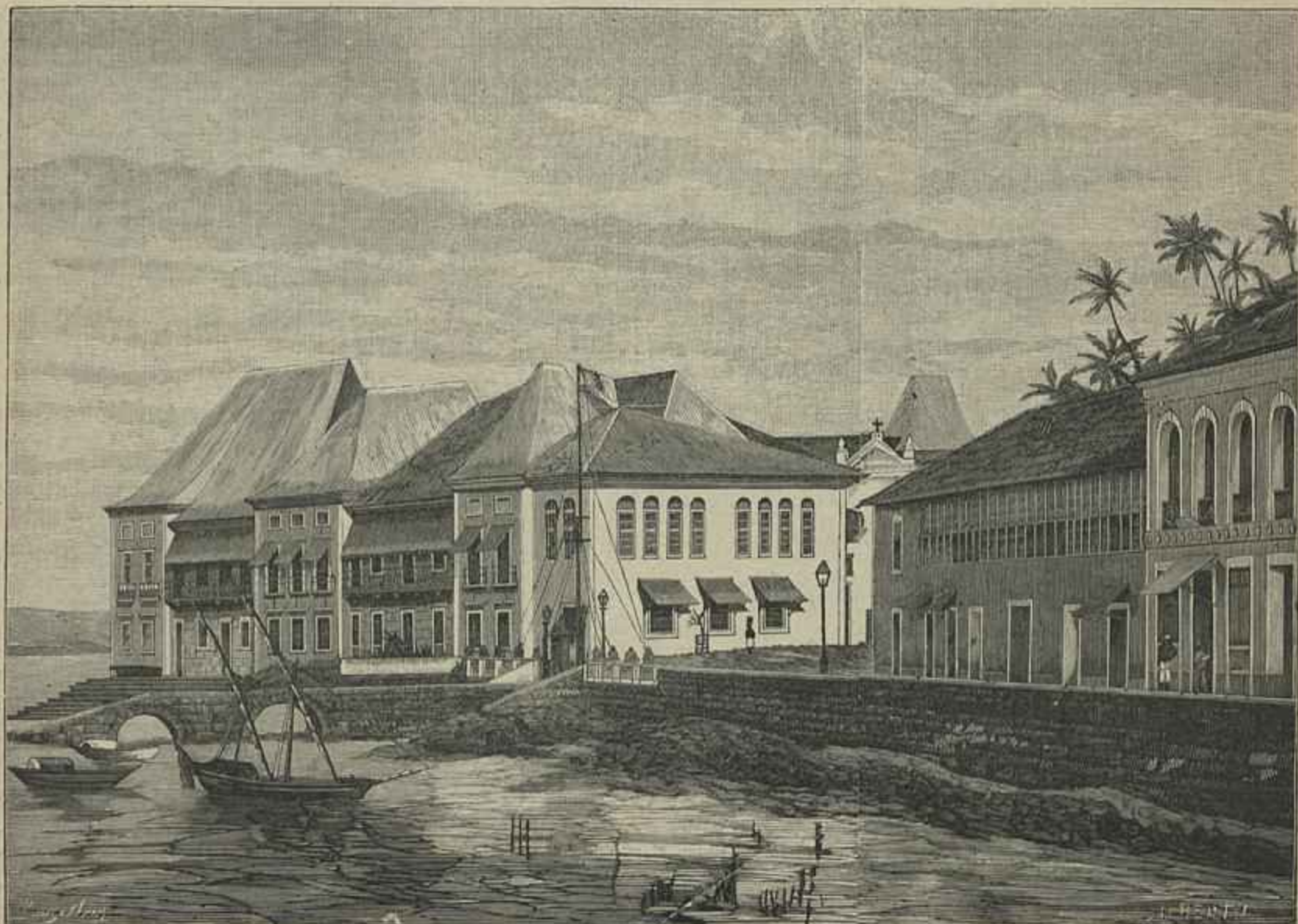
As colonias quando attingem um elevado grau de instrucção, e elementos separatistas tem direito se assim lhes apraz por sua conveniencia a separar-se da metropole, como fizeram no seculo passado os Estados sujeitos ao dominio da Grã-Bretanha, na America septen-



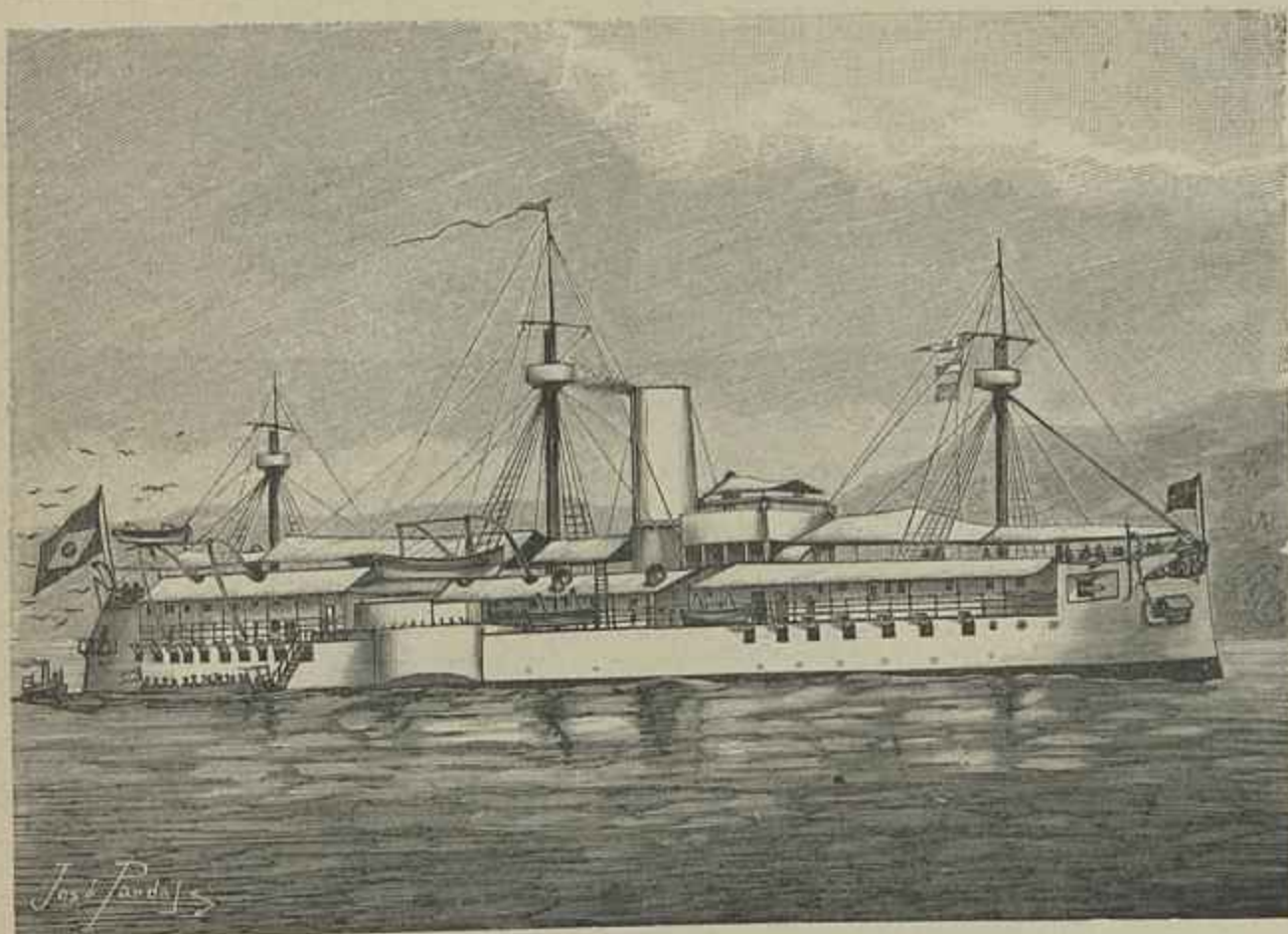
RAPHAEL JACOME LOPES DE ANDRADE

NOVO GOVERNADOR GERAL DA INDIA

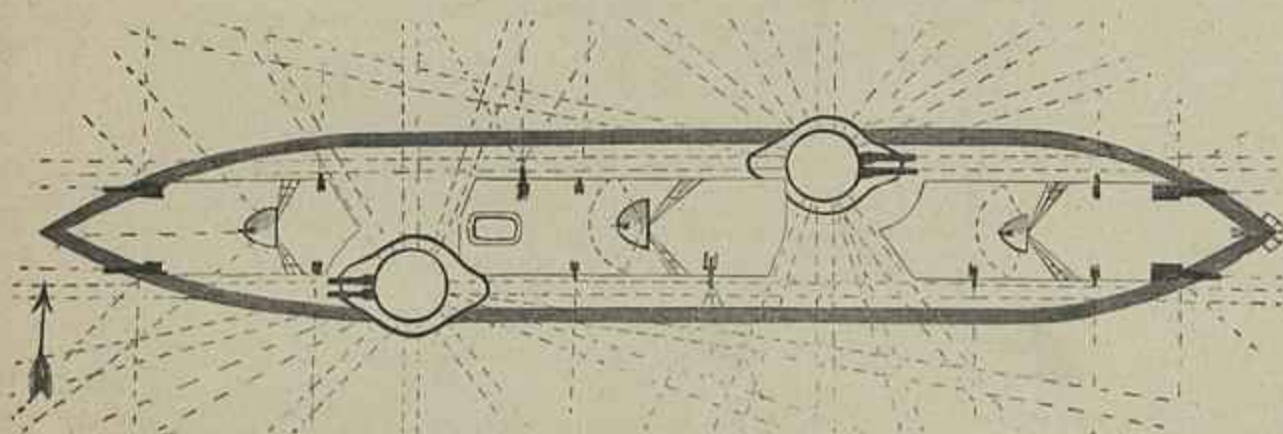
Cópia de uma photographia do sr. A. Bobonei



PALACIO DO GOVERNO NA INDIA



O COURAÇADO BRAZILEIRO «24 DE MAIO» FUNDEADO NO TEJO



PROA

PLANTA DO CONVEZ E ARTILHERIA DO «24 DE MAIO»

trional, como fez o Brazil no principio do actual seculo, mas a revolução das classes umas contra as outras, mas o incitamento á revolta dessas classes, d'essas castas umas contra as outras n'um paiz como a India Inglesa, e como a India Portuguesa não constituem um direito que se deva tolerar ou respeitar, nem no interesse da metropole, nem no interesse mesmo d'essas classes. O dever dos governos, n'estas condições, não pode ser fomentar ou consentir essa anarchia mas extingui-la, sem desfalecimento como sem rigores exagerados, no intuito sómente de salvaguardar não só o dogma tutelar da nacionalidade, mas o da civilização.

Nativismo, indianismo, são coisas absolutamente incompatíveis com o nosso direito publico moderno.

A' luz d'estes principios applaudimos como cidadão



O COURAÇADO BRAZILEIRO «AQUIDABAN», ACTUALMENTE «24 DE MAIO»

portuguez a ultima expedição enviada ás aguas de Goa, para restabelecer a ordem, e o imperio das leis.

Não nos parece tambem com uma illustrada folha da capital o *Diario de Noticias* que a India deva ser hoje considerada, como um povo conquistado, mas como uma parte intepante da monarchia portugueza, consubstanciada com ella

Mas pelo principio juridico de que quem quer os fins tem de lhe applicar os meios, é mister seguir o exemplo das nações maritimas colouiaes como a Inglaterra e a Hollanda, que dão aos governadores mais amplas faculdades para governar.

Se no antigo regimen ao fundador do imperio portuguez no oriente, Affonso d'Albuquerque, não tivessem sido outhorgadas, tão amplas faculdades, como se teria levantado com tanto esplendor a nacionalidade portugueza até ao momento em que essa nacionalidade desapareceu em Alcacer-Quibir, pelo mais funesto dos cataclismos?

E' impossivel n'um paiz em que a força se traduz pela superioridade do numero, arcar com essa força por meios violentos.

A India é uma d'essas regiões em que o sentimento religioso e mystico absorve todos os outros.

Quem não sabe que esses diversos systemas religiosos serviram de typos ás religiões dos outros povos?

O Brahmanismo, que foi a religião dos conquistadores arianos, professado actualmente nas Indias orientaes e occidentaes por mais de cem milhões de sectarios occupa o quarto logar no mundo depois do budhismo, do christianismo e do islamismo.

Ninguem como a Grã-Bretanha comprehende melhor o segredo de viver em paz com estes eloquentes algarismos; consiste esse segredo em empregar para triumphar da superstição local de todos os meios moraes mui-

to mais lentos, mas mais eficazes do que a violência e perseguição.

Sem dúvida, existem na Índia coisas que escandalizam o pudor inglês, como é por exemplo verem-se os *sikurs* em completa nudez, ver-se nos templos indianos pinturas d'uma obscenidade revoltante, *stylistas* dependurados durante annos nas arvores esperando n'uma insensibilidade completa, que os seus admiradores lhes façam passar por meio de cordas o alimento quotidiano; mas a Inglaterra que viu em 1857 o seu imperio no oriente quasi a dissolver-se em sangue, sabe por experiencia que é perigo atacar de frente semelhantes abusos, e por isso pede somente ao tempo o progresso que a intolerancia e a violencia nunca conseguiram.

Mas se a Grã-Bretanha a primeira potencia colonial do mundo chega a transigir com esses revoltantes abusos, julgando se feliz por ter conseguido extinguir outros maiores como o do sacrificio na fogueira das viúvas indianas, que durante seculos deshonrou as paginas da historia indiana; dedica todo o seu zelo, toda a sua sollicitude, quando carece de recorrer aos braços dos seus naturaes para salvar a integridade do seu vasto imperio, de lhes fornecer não só todas as commodidades possiveis, mas todo o auxilio no intento de salvaguardar as suas crenças religiosas.

Apprendamos com ella se queremos obter o mesmo desideratum— a manutenção do nosso dominio n'aquellas remotas regiões, e o lugar que nos pertence entre os povos civilisadores.

Dr. A. M. de Tavora

O ULTIMO PADRÃO DE DIOGO CÃO

(Continuado do n.º 603)

Como acabei de dizer e facil é hoje de verificar, a forma, a feição geral do padrão do Cabo Cross corresponde á do collocado no Cabo Negro do qual a acção do tempo, e parece até que uma acção brusca e violenta como a de alguma fálsea electrica fez inteiramente desaparecer as inscrições originarias, posto que ainda se percebe n'uma das faces do parallelepipedo superior os traços do brazão portuguez. Mas como no padrão do Cabo Cross, no do Cabo Negro, esse corpo superior não é o perfeito cubo elegantemente ligado á columna, continuando-a ou derivando-se d'ella como um verdadeiro capitel, por uma suave inflexão superior do fuste, qual se observa no padrão de Santo Agostinho, o ultimo da primeira viagem, incontestavelmente. É um corpo quadrangular sobrepuesto, a bem dizer independente, rapidamente talhado sem preocupação ou sem esmero artistico.

Mas se no do Cabo Negro não logramos surpreender qualquer inscrição originaria, em compensação o do Cross offerece nos com sufficiente nitidez duas inscrições, uma ladeando em tres faces do parallelepipedo o escudo portuguez que enche a quarta, *sem a cruz d'Ariz, nem os castellos* e já com as quinas verticalmente dispostas, o que vale uma data, e a outra torneando logo abaixo a columna.

É a primeira a seguinte:

(A) mundi creatione fluxerunt anni 6684 et (a) Christi nativitate 1489 q (uum) (e) xelenti (ssi) mus (s) erenissi (mus) que Rex d. Johanes secundus portugal (iae) per ia (co) bum canum ejus militem colu (m) nam hic situari jus (s) it.

Foi esta, é claro, a primeira leitura que o sr. Scheppig me communicou e posto que fosse para desejar que elle reproduzisse por calco a inscrição, essa leitura não offerece realmente objecção ou duvida. Compreende-se que os parentheses indicam os preenchimentos das omissões ou lacunas resultantes do estrago da pedra, da rudeza orthographica do tempo, ou, em summa, dos embarços da leitura inicial. Observei ao illustre estudioso e notarei aqui que o *a* como indicativo da palavra *era* deve ser substituido por *e*, sendo esta letra em gothico que deve estar, ou que estaria, na pedra como no padrão de Santo Agostinho e como é commum nas inscrições da Europa latina.

Mais importante é a duvida suscitada na leitura da *era* christan, duvida que rigorosamente abrangue o ultimo algarismo da *era* da Creação.

Este algarismo entendeu o sr. Scheppig que devia lê-lo como 4 por lhe parecer que a figura respectiva corresponde á indicada com aquelle valor por João Pinto Ribeiro (*Diss. v. II, est. I, n.º 31*).

«É bem deploravel, — diz-me o illustre professor allemão, — que os dois algarismos finaes das datas da inscrição latina possam dar exemplo da incerteza dos algarismos arabes no seculo xv.»

Além d'isso, o segundo algarismo da *era* christan identico ao ultimo da anterior, e que não podia deixar de ter o valor de 4 corroborava immediatamente a leitura adoptada de 6684. Melhor ou mais decisiva razão seria esta; evidentemente.

Resolvida, porém, a primeira duvida, outra surgiu que o sr. Scheppig não se atreveu a resolver: foi a do ultimo algarismo da *era* christan que mutilado ou estragado na parte superior offerece um aspecto quasi identico ás figuras precedentes do 4, mas que o illustre estudioso observa que — «parecendo antes raspado do que talhado ou esculpido pôde ter uma origem ou uma authenticidade um pouco duvidosa.»

Francamente, considero exagerado o receio. A circumstancia apontada poderia simplesmente derivar-se do facto de intencionalmente se ter deixado por esculpir o ultimo algarismo da *era* christan, para que os descobridores podessem designal-o com mais segura exactidão no proprio acto da collocação do monumento.

Mas na leitura das datas se reproduz o reparo, e resurge, agravada a duvida, que suscitara a interpretação do ultimo signal da *era* christan na legenda latina. Esse signal tem, d'esta vez, irrecusavelmente o valor de 5 pois que é um *b* romano perfeitamente nítido.

Confirmaria, pois, a nossa interpretação anterior ou resolveria a hesitação do sr. Scheppig.

Succede, porém, que a *era* da Creação termina tambem por signal identico, por um *b* igualmente nítido, sendo então a de 6685, e não a de 6684 como está na inscrição latina e como teria de ser para que a *era* christan correspondente fosse realmente a de 1485.

Consequentemente, ou a *era* da Creação está erradamente designada na primeira legenda que a fixa em 6684, ou na segunda que a determina em 6685.

Se o erro se dá na primeira, necessariamente se estende á *era* christan que não poderia ser então a de 1485, como aliás uniformemente affirmam, com sufficiente nitidez, as duas inscrições.

Se o erro existe na segunda d'estas, pôde corrigir-o a *era* christan igual nas duas, permitindo supôr que esse erro consista em se ter aberto um *b* onde devera e crever-se o signal *iii* ou o *iv*, romano na legenda portugueza, se, como positivamente me afirma o sr. Scheppig, não pôde duvidar-se que seja realmente por um *b* que determine a indicação da *era* da collocação n'esta ultima legenda.

Pôr n'estes termos simples a questão quer-me parecer que seria resolvel-a, ou pelo menos, simplificar a resolução d'ella.

Calculado, em Lisboa, que a collocação para o sul do Cabo de Santo Agostinho, ou na segunda viagem se faria no anno de 1485, partindo Diogo Cão no verão anterior ou n'esse mesmo anno, as contingencias da viagem poderiam alterar esse calculo e por isso ter-se-hia deixado aos expedicionarios o cuidado de indicar precisamente a data christan.

Isto explicaria a differença notada na abertura menos perfeita ou mais expedita do ultimo algarismo.

Mas é uma simples hypothese, embora mais razoavel, decerto, que a de qualquer viciação intencional posterior.

Estou persuadido, comtudo, que se não fosse uma nova duvida sugerida pela leitura da inscrição portugueza, ou que se o sr. Scheppig não voltasse pela leitura d'esta, á revisão da sua leitura da inscrição latina, não teria hesitado, como eu não hesito, ainda, em ler por 5 o algarismo terminal da *era* christan, ou a dar este valor ao respectivo signal que me parece, tambem, ser o que anteriormente corresponde a 4 mas acrescentado com um apêndice ou pequeno prolongamento inferior augmentando-lhe esse valor com uma unidade, ou transformando lh'o em 5.

Assim a leitura seria, ou é 1485, anno que não só corresponde exactamente á *era* 6684 da Creação segundo o computo já adoptado no padrão de Santo Agostinho:

6684 — 5199 = 1485

como tambem coincide, — o que é, por igual, de indeclinavel importancia, — com o anno da

collocação do padrão do Cabo Negro, segundo a expressa declaração do Globo de Nuremberg ou de Martim Behaim.

Vejam, porém, como a leitura da inscrição portugueza fez hesitar o Sr. Scheppig.

Essa inscrição que torneja a parte superior da columna ou cylindro, é a seguinte, feitas as ligeiras e facis correções que immediatamente suscita a copia do estudioso allemão:

«Era da creação do mundo de bj bj l xxx b e de x (to) de m^l l xxx b o cycelent (e) esclarecido Rei dom J^o 2^o de portugal mandou descobrir esta terra e poer este padram por d (ºc) ão carº de sua casa.

Como se vê, salvas as datas e a cathegoria de Diogo Cão, que de escudeiro fora elevado a cavalleiro em 1474 exactamente pelo resultado obtido na primeira viagem, como provei na minha anterior monographia, a redacção da legenda é igual á do padrão de Santo Agostinho que tive a fortuna de ser o primeiro a ler.

(Continúa).

Luciano Cordeiro.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

(Continuado do numero anterior)

X

TROPAS HESPAÑOLAS

O inimigo postara, á borda do rio, atraz de umas boças, uma linha de atradores, e mostrava se disposto a defender a posição, impedindo-nos com a sua artilheria, a minima tentativa de avançada. A tarde appareceu inopinadamente Sir Arthur com o seu estado maior, galopando debaixo do fogo das baterias de campanha, collocadas em posição, á direita, e que faziam frente aos hespanhoes.

Ao terceiro ou quarto tiro, uma bala de 4 arates passava, silvando, rente do chapau armado do commandante.

As tropas ficaram em bivaque nas vizinhanças de Talavera, e a divisão do general McKenzie, um tanto mais á frente, ao pé de umas ruínas, no ponto em que o Alberche volta para o lado do nascente.

O inimigo estava indubitavelmente em força, a distancia de 800 jardas, do outro lado do rio, abrigado por uma serrania, cujos contrafortes vinham em declivio até proximo da margem, e que constituam posição sobremaneira defensavel, pois lhes ficava á esquerda o Tejo, e lhes defendiam a direita, não só a volta do Alberche como ainda umas fortes ribanceiras, cobertas de vegetação.

As forças inimigas iriam de certo além de 23:000 homens, pois eram as mesmas que tinham retirado da região ao sul do Tejo, e não constava que tivessem marchado a reunir-se a ellas quaesquer tropas, quer de Madrid, quer de Aranjuez.

Contavamos, como coisa certa, com uma batalha para o dia seguinte, o a 23,ahi por volta do meio dia, a primeira divisão e a terceira avançaram, em ordem de marcha, em direcção á aia direita do inimigo; e, entretanto, o restante exercito ficava prompto á primeira voz: infelizmente, porém, Sir Arthur via-se a braços com o dubio procedimento do general confederado, o qual, na mais absoluta inconsciencia, em quanto á situação, parecia não ter a minima noção, quer do valor do tempo, quer da importancia que ha em aproveitar ensejos, em qualquer operação militar. Não houve forças humanas que o decidissem a tentar o ataque, e Sir Arthur, portanto, via-se na impossibilidade de contar com o auxilio dos hespanhoes para investir o inimigo. Cuesta, tergiversando sempre, demorava qualquer resposta; tudo para evitar que, aos inglezes, operando isoladamente, viesse a caber em sorte a gloria d'aquelle dia. O bivaque do commandante hespanhol era na estrada de Madrid, a uns tres quartos de legua da margem do Alberche. Ali, estirado sobre as almofadas da carruagem, o general realisava a mais completa e acabada pintura da annulação physica e moral.

Ao pé d'elle, dois soldados, promptos a acudir quando queria voltar-se, ou fazer qualquer movimento. Espectaculo deveras estranho e bem

digno de riso! O peior, eram as consequências, pois, se não fôra este empecilho, aproveitada a maré em que íamos, de certo teríamos chegado a porto com vento em poupa, e agora, pelo contrario, com a victoria ao alcance, ella lá ia, levada na corrente, sem lhe poderemos deitar mão. Ao cabo, porém, de intermináveis delongas, espalhou-se, por todo o exercito, que Cuesta, quando se vira muito apertado, apresentára, como ultima desculpa, que era Domingo, e se compromettera, afinal, a ordenar o ataque para a madrugada seguinte. Em consequencia de todo isto, tiveram as nossas tropas de regressar aos bivouacs. E licito suppor que o orgulho e a presumpção influiriam poderosamente no procedimento do general. Cuesta, como bom hespanhol que era, não podia pôr com bons olhos um general inglez a intrometer-se em negocios do seu paiz; — embaldado em sonhos de gloriosas façanhas, aliás envoltas, dois seculos e meio havia, nas sombras do passado, não conseguia encaixar em seu bestunço que os tempos tinham mudado e, com elles, as circumstancias.

Taes sentimentos manifestava, aliás, a cada momento, a nação em péso; e só muito tarde, e já no fim da campanha, vieram os hespanhoes a convencer-se, de que não tinham um unico official capaz para dirigir seus exercitos. Desesperando afinal de o encontrarem, foi então, e só então, que se resolveram a entregar o commando a Sir Arthur Wellesley. Não cabe, a meu vêr, menor gloria a Sir Arthur, por ter sabido, durante seis annos, lidar de perto com governos e officiaes hespanhoes, sem destemperar um instante só que fosse, da que lhe coube por ter levado a cabo com tão superior pericia e talento a campanha.

Quando pensamos em tanta promessa por cumprir, nos mil compromissos violados, que, a cada passo, ameaçavam comprometter a segurança do seu exercito vinham attentar contra a honra e pôr em duvida os seus brios e reputação militar, e nos lembriamos que soube sempre esquivar-se á minima contenda, e limitar-se apenas a entabular negociações e trocar correspondencia, entrannos a convicção de que o nosso generalissimo hade ficar memorado nos annos da historia como verdadeiro modelo de cordula e placidez.

Sobremaneira indignados pelo inqualificavel comportamento do decrepito general, a nossa officialidade não deixou porém de verberar com o ridiculo as inconsequencias que, havia tres dias, viera observando. Não podiam conformar-se com a ideia de verem o chefe do exercito hespanhol apparecer no campo da batalha em carruagem puxada por nove mulas; e, ainda por cima, as ridiculas cautellas com que os seus o defendiam contra o rheumatismo, collocando sobre a relva os coxins da berlinda!

Não seria tratada com mais cuidado, nos humidos climas da nossa terra, qualquer franzina belidade, que viesse assistir a uma festa campestre. Dois granadeiros levando o generalissimo em charola, depunham n'ô, muito devagarinho, em cima das almofadas, todo estirado ao comprido, pôis tão fraco estava dos joelhos, que, se tentasse dobrar-os, arriscar-se-hia a levar algum tombo. E era este o homem a quem as côrtes confiavam seus exercitos!

Logo desde a primeira triste prova (e visto elle não ter consciencia da propria incapacidade) deviam, sem hesitar um momento, tel-o demittido. Uma desculpa unica podiam allegar: um anno antes o general elevára a honestidade de dever commum a altura de virtude, e por isso, sempre receiosos e escarmentados das continuas trações, tudo lhe relevavam.

Começavamos, todavia, no dia 23, ao anoitecer, a vêr as coisas mais bem figuradas, quando tivemos ordem para atacar o inimigo na madrugada seguinte. O general Sherbrooke devia romper a marcha ao romper do dia, e entretanto, o restante corpo de exercito iria reunir-se á reducta da terceira divisão, na volta do Alberche. A columna britannica de ataque, com a terceira divisão na vanguarda, reforçada com a brigada do general Anson, e seguida pelas divisões, primeira, segunda e quarta, devia atacar a ala direita do inimigo; os hespanhoes desalojariam as tropas que occupavam as alturas por onde passava a estrada de Madrid, e entremettes, o resto do exercito inglez e toda a cavallaria hespanhola atravessariam o rio e avançariam a través do terreno descoberto que defrontava a posição inimiga. As manobras deveriam executar-se em silencio, sem tambores nem cornetas. As columnas de ataque entraram em forma, no dia 24, antes de romper a aurora, e a columna da esquerda, a qual competia vadear o rio e galgar as alturas, torneando pela direita o inimigo, em frente da aldeia de Casaleguas, ia já em marcha, quando

descobrimos que o inimigo tinha retirado por alta noite.

Este caso, deploravel por diversos motivos, vinha provar, mais uma vez, quanto é prejudicial, em campanha, o adiamento de qualquer resolução. O inimigo, que na vespera, em força, quando muito, de vinte e dois mil homens, nos viera offerecer batalha, sem esperar pelos reforços que lhe deviam vir de Madrid ou da Mancha, pagaria a sua imprudencia soffrendo inevitavel derrota. As forças hespanholas elevavam-se a trinta e seis mil, sendo dez mil de cavallaria; e, uma vez forçada a posição, ver se hia o inimigo obrigado a bater em retirada, atravessando a descoberto algumas leguas de campinas, acossado de perto por um exercito victorioso, é que lhe era muito superior em cavallaria.

O coronel Delancey fora ganhando terreno, marchou toda a noite em perseguição do inimigo, até que, de madrugada, veio reunir-se ao exercito, trazendo prisioneiro um official francez. Passámos o rio e atravessámos os acampamentos francezes por entre abarracamentos de choças, que tinham disposto com certo gosto e conforto. Quando aqui chegaram, vindos das linhas do Tejo, acharam o trigo já medrado e, sem olharem ao valor desperdiçado, foram arrazando as searas e arramando choças e cabanas, com o trigo ainda tão coberto de espigas, que, quando, ao passarmos nos roçavamos por ellas, cahia um chuva de grão. Para armarem um theatro, foram-se ás oliveiras e arrancando as melhores e mais gradas, espetaram-as no chão em correnteza e fizeram uma comprida alameda, para abrigo dos espectadores.

Façanha muito mais barbara, sem duvida, do que arrancar trigo ainda na espiga — uma oliveira, primeiro que dê fructo, leva annos a crescer. Cuesta, tão remisso em vir ás mãos com inimigos que lhe surgissem pela frente, era logo outro homem quando os via pelas costas: agora é que era vól o, teimoso em perseguir os francezes a todo o transe. Sem considerar que Victor retrogradára apenas para ir buscar reforço, mandou avançar o exercito, como se porventura os francezes tosem batendo em retirada para além do Ebro, e, no dia 25, foi estabelecer postos avançados em Torrijos.

Este acto imprudentissimo teria dado as mais desastradas consequências, se acaso o commandante das tropas anglo-lusas não houvesse encarado a questão sob differente aspecto. — Ver-nos-hiamos na impossibilidade de avançar, tal era já a falta de provisões. Os hespanhoes, longe de accudirem ao nosso commissariado, nem sequer pensaram em se precaver com rações para as 18.000 bóccas addicionaes, e a posição estava sendo para nós insustentavel pela falta de mantimentos.

Sir Arthur, portanto, recusou-se a avançar com o seu exercito, e contentou-se em mandar duas divisões atravessar o Alberche, e tomar posição em Casaleguas.

O inimigo, entretanto, ia tratando de concentrar os diversos corpos de exercito. A reserva e a guarnição de Madrid abandonaram aquella capital com el-rei José, durante a noite de 23 e 24, e foram reunir-se ao 4.º corpo de exercito, do commando de Sebastiani, em Toledo. Operaram a junção a 25, entre Toledo e Torrijos, com o corpo do mando de Victor, e ficaram constituindo um exercito de 45.000 a 48.000 homens, não contando n'este numero a guarnição de 2.000 homens que deixaram em Toledo; considerando esta diminuta força sufficiente para reprimir qualquer avançada das forças hespanholas da Mancha, visto como Vanegas andava desperdiçando tempo, sem fim determinado, enquanto o general Belliard, entrincheirado no Retiro, ameaçava Madrid.

A junção dos dois exercitos mostrou a Cuesta o erro, já sem remedio, de ter avançado com tal imprudencia e perdido de vista os inglezes; e, por já não ter tempo de mandar retroceder as forças da vanguarda, viu-se envolvido pelo inimigo.

O regimento de Villa-Vieiosa encutralado, pelo inimigo, em um cerrado com um fosso de roda e uma sahida, unica, foi ali feito em postas, sem meio algum de se livrar. Um official inglez de engenheiros deveu a vida ao cavallo, de raça ingleza, que galgou o tapume que abrigava os hespanhoes, façanha de que não estavam á altura os cavallos d'estes. A 26, os hespanhoes retrogradaram para as margens de Alberche, em direcção a Talavera, e em confusão tal, que não é demais chamar-lhe fuga, perseguidos de perto pelo inimigo, cujo manifesto intento era arrastar os alliados a uma batalha campal.

Continúa

Spectator.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º anterior)

XXI

HISTORIA INTERNA DOS MANUSCRIPTOS OS ESCRITÓRIOS DOS MOSTEIROS

Nos mosteiros mais notaveis houve sempre um *escriptorium*, sala destinada á copia dos manuscritos, e alguns eram tão luxuosos que tinham ricas mobílias, e até nas janellas preciosos vidraes.

Como se viu do capitulo ix, d'este trabalho — *A collecção do mosteiro de Alcobaca*, é este um dos poucos conventos de que ha indicações mais evidentes de n'elle ter existido um *escriptorio* e ainda mesmo o conhecimento de ter havido uma escola de copistas, que lograram attingir grande perfeição imitando a escripta antiga.

Outro mosteiro que supponho tivesse tambem officina de manuscritos é o da Serra d'Ossa, como se deprehende do que dissemos no capitulo xvi e nos é corroborado pela existencia de illuminadores notaveis, como fr. Simão de S. José, religioso paulista da congregação da Serra d'Ossa.

Algumas regras das ordens monasticas davam por castigo aos monges delinquentes a copia de umas tantas paginas de uma ou outra obra determinada para esse fim.

Assim se perpetuaram varias preciosidades litterarias que esses escribas mediavars se viram forçados a copiar.

Todavia no grande prolapsio do desenvolvimento litterario que se deu durante as invasões dos barbaros, assás avessos a toda a illustração intellectual, sómente no interior dos mosteiros se continuou cultivando a litteratura e a sciencia. O rei barbaro assignava com os copos da espada e arrazava as bibliothecas.

E contudo, anteriormente, no tempo dos Antoninos, em Roma, a industria de livreiro era muito importante e perfeitamente aristocratica. O preço enorme porque ficava cada obra só permitia a sua aquisição não a ricos mas a millionarios. Os estados só obtinham bibliothecas quando se apropriavam das do inimigo vencido. Estava então confiada, n'essas epochas, a copia dos manuscritos principalmente aos escravos, que embora d'uma relativa instrucção, se entregavam mercenariamente a esse trabalho.

Fôra dos mosteiros as pessoas estudiosas tambem se applicavam á transcripção de manuscritos, para no fim de alguns annos de trabalho, possuirem, um pequeno numero de obras.

Esta util obrigação que se tinha para crear uma pequena bibliotheca provinha da carestia excessiva dos livros.

Individuos houve que se enriqueceram alugando varias obras. Até se chegava a enviar embaixadores para isso. Até se faziam longas e penosas viagens para os ver e ler. Quando alguém offerencia um manuscrito com illuminuras era isso ratificado por escriptura publica.

A raridade dos copistas, a escassez de pergaminho fino e branco e bem assetinado eram as causas determinantes do alto preço dos manuscritos.

Mas o que especialmente elevava o seu custo, eram as letras capitales illuminadas e as estampas allusivas ao assumpto da obra ou obras, porque era raro o manuscrito que não continha mais de uma.

No artigo I d'estes apontamentos notámos como eram graciosas as miniaturas, não devemos pois insistir. O leitor curioso, mercê das preciosidades que apontámos, bem melhor as pode apreciar. Foi no seculo xi que acabou definitivamente o uso do *papyrus*. Reinou então o pergaminho.

Em 1200 começou a escrever-se no papel de seda que em 1250 foi substituido pelo do linho, de invenção arabe, trazido primeiro para a península hispanica e que só mais muito mais tarde se espalhou para os outros paizes. É bom que se note esta primazia.

O pergaminho obtinha-se das pelles de vitella, ovelha e cordeiro, o de vitella era espesso e branco de ambos os lados. O de carneiro ficava amarelado do lado da lã. O de cordeiro era da maior alvura por um lado, porém do outro mostrava pequeninas manchas azuladas.

Só ao pergaminho obtido d'um cordeirinho recém-nascido se podia dar a finura e a alvissima côr que o torna tão admirado.

Foi no seculo xv que a arte de preparar os pergaminhos chegou ao maior grau de perfeição, na Italia, de onde vieram os mais preciosos manuscritos illuminados que hoje possuímos.

Ainda se deve á paciencia dos monges eremitas a conservação de muitos manuscritos.

Foi pelo meado do século xv que este estado de cousas mudou e as sciencias se tornaram accessiveis a todos, graças á estupenda invenção da Imprensa, esplendida herança que a idade media nos deixava, nas vascas de uma época deslumbrante que se chamou a Renascença.

Todavia, como dissémos, em varios pontos d'este estudo, a arte de miniar, chamada então: illuminação dos debuxos, em Portugal subsistiu até aos fins do século xvii. E d'essa vida nos dá formosissima amostra o Missal de Estevão Gonçalves.

N'uma collecção manuscrita intitulada *Jardim Historico*, volume xxxvii — (N.º 344 dos manuscritos da Bibliotheca da Universidade de Coimbra) vimos um

Breve tratado de Illuminação

Composto por hum religioso da ordem de X.ª p.ª repartido em tres partes.

Eis o resumo do curioso livro:

Na primeira parte, declara-se o nome das tintas, como se moem, apuram, conservam e compoem.

Na segunda, como se fazem diversas misclas, e de suas composturas e os nomes dos instrumentos necessarios á arte de illuminar.

Na terceira, como se fazem algumas tintas de novo e como se conservam para usar d'ellas. E mais de trez maneiras de pegar ouro em letras, e mil outras receitas.

A letra accusa ter sido escripta no século xvii. E' pois, um apreciavel repositório dos perdidos segredos technicos de tão mysteriosa e encantadora graciosa arte.

(Continúa.)

Estevão Pereira.

SÉ DE LISBOA

(Continuado do numero anterior)

A este segue a capella do Santissimo Sacramento, com sua porta de grades douradas. A disposição da luz é realmente feliz. Quem acerta de chegar ao gradeamento em occasião de estar descerrada a cortina que por dentro o tapa quasi sempre, gosa da linda vista que apresenta esta capella, que é moderna, mas muito concertada, rica, e harmonica no seu genero. Ha primeiro uma antecâmara sem luz, e que assim fórma um primeiro plano muito escuro, sobre o qual ressaie ao fundo, com a sua ornamentação fortemente colorida, as suas alcatifas opulentas, as suas flores, os seus damascos e oiros, a camara do sacrario. N'esta não se vê d'onde vem a luz, que jorra de cima, muito a proposito, suave, e artistica.

É um recinto este extremamente devoto. Vejam como a arte, dirigida com intelligencia e acerto, conspira de mãos dadas com a religião para elevar e melhorar a alma humana!

Por cima do arco ogival da entrada vê-se um quadro grande e bom, de Pedro Alexandrino, representando symbolicamente a Eucharistia commentada pelos doutores da Igreja. Vê-se a Particula n'uma custodia de ouro, collocada n'um pedestal de pedra ao centro do quadro: e de roda estão, meditando e escrevendo, em posições respeitadas e concentradas, S. Jeronymo, Sancto Agostinho (que por signal é retrato do outro de Vieira Lusitano que esteve na portaria da Graça e hoje está na Academia de Bellas Artes), um Papa, e mais dois Sanctos, que não posso marcar ao certo quem sejam.

Antes do terremoto havia n'um arco da capella do Sacramento, á face do claustro, uma sepultura com uma figura de pedra deitada, que parecia ser de bispo alli sepultado.

Por traz da mesma capella via-se uma campa com dois lettreiros; um gothico, outro moderno, que dizia:

AQUI JAZ JOÃO ROIS DEÃO, E CONEGO QUE FOY DESTA SÉ, NÚNCIO APP.º E COLLECTOR G.º NESTE REYNO, MORREO NO ANNO DE 1454.

Em frente da capella do Sacramento estava uma sepultura com este letreiro:

AQUI JAZ B.º DA COSTA
THESE.º E CONEGO QUE FOY DESTA SÉ
POR ESPAÇO DE VINTE ANNOS
VARÃO INSIGNE EM VIRTUDE
RARO EM DESPREZO DE SY
E DO MUNDO, E CARIDADE COM
OS POBRES, EM SUA MORTE FOY
DESTE POVO ACLAMADO POR
SANCTO, ROTAS E LEVADAS
POR RELIQUIAS SUAS VERTIDURAS,
FALECEU A 27 DE M.º DE 1608
DE 55 DE ID.º

Junto d'esta sepultura, outra que dizia:

ESTA SEPULTURA HÉ DE
AFF.º FURTADO DE MENDONÇA
DEÃO QUE FOY DESTA SÉ FALLECEO
A 30 DE MAYO DE 1600

Já nenhuma d'essas lapides se vê no sitio indicado, *les morts vont vite*.

Defronte d'esta mesma capella do Sacramento, nota-se na parede opposta um quadro grande e apreciavel, figurando a ressurreição de Christo e a sua saída do tumulo. E', já se vê, do incansavel Pedro Alexandrino, que o assignou e datou: *P. Alex.º inuent e pint. 1780*. Obra ainda de mais empaste e mestria, me parece, que a do Salvador do Mundo.



LUIZ PASTEUR — FALLECIDO EM 20 DE SETEMBRO DE 1895

No altar collateral á esquerda da capella-mór, está a imagem historica de Nossa Senhora a Grande. O altar é seiscentista, ornamentado de columnas salomonicas de marmore de cores. A imagem é de pedra pintada, e de tamanho natural. Ainda no século passado se lhe chamava a *Senhora de Bettencourt*¹; porque? porque uma antiga tradição refere, que a trouxera de França, da cidade de Bettencourt (na Normandia) o celebre Martim Affonso de Sousa filho de Lopo de Sousa.

Era tida esta Sancta como boa intercessora em occasiões difficeis, e por isso costumavam as senhoras de Lisboa que estavam para ser mães, beber por devoção agua onde se deitavam pós raspados da pedra da imagem; para o que lhes vendiam os sachristães o pó que iam arranhar nas costas de Nossa Senhora. São usos que apesar de tudo quanto encerram de ridiculo, não posso deixar de respeitar pela intenção. D'ahi provém, segundo me affirmaram na sé, uma cova muito grande que a estatua tem nas espadoas; pelo que foi prohibida (e muito bem) aquella sacrilego piedosa raspadella.

¹ No sabbado 2 de julho de 1746 foram a rainha, a princeza da Beira, e as infantas D. Maria Anna e D. Maria Francisca Dorothea fazer oração a Nossa Senhora de Bettencourt, diz a *Gazeta de Lisboa* n.º 28, de 12 de julho do citado anno.

N'este mesmo altar estava até 30 de setembro de 1883 a Senhora da Rocha apparecida em Carnaxide; para lá foi transferida n'esse dia em grande pompa. A fim de substituir esta imagem, a que se habituara por mais de sessenta annos a piedade do publico, instituiram alguns devotos uma nova irmandade da Padroeira do mar, com séde em igual sitio. A inauguração solemne foi em 11 de janeiro d'este anno de 1885, com grande festa vocal e instrumental, hodo a cincoenta pobres da parochia, e vestuario a sete meninas.

O altar que faz symetria com este é o de Sancta Maria Maior; linda physionomia de estatua, de uma doçura encantadora!

Depois, correspondendo á capella do Sanctissimo, está, no braço direito da cruz, a capella de S. Vicente. Paremos um minuto.

E' de muita antiguidade na sé o culto de S. Vicente; hoje tem o martyr esta sua mencionada capella, privilegiada *in perpetuum*, ao lado oriental do braço direito da cruz do transept. Até 1755 teve um nobre altar na capella-mór do templo. Por 1530 e tantos escrevia Acenheiro: *Foi achado (o corpo de S. Vicente) pera haver o jazigo que ora tem em Lisboa na capella maior da dita cidade, onde ante seu altar se sellebrão cotinos officios devinos*².

Visto que fallei da capella-mór da sé, direi alguma coisa mais, para conservar memorias d'ella, de todo substituidas pela reconstrução moderna.

Quanto ao antigo aspecto, não ha já agora descripção, que não seja inteiramente conjectural.

Imagino o recinto fechado de uma abobada artesoadá, acabando em cabeceira curva, e roto de altissimas janellas em ogiva com vidraças coradas, que dão sobre o recinto das capellinhas absidues. Por ahí se illumina esta capella-mór n'um clarão suave de segunda luz, cheio de magestade e mysterio. Ao topo, n'um embasamento elevado em degraus ergue-se a cathedra do bispo, ladeada de bancos negros de espaldar, onde costumam sentar-se os membros do cabido³. A' direita da cathedra, os tumulos d'el-rei D. Affonso iv e da rainha D. Brites, formosas arcas de pedra já por mim descriptas. A' esquerda da mesma cathedra, isto é, á direita do povo, o tumulo, posteriormente demolido, de D. Gilberto primeiro bispo de Lisboa, e o altar de S. Vicente, em cujo retahulo começa talvez a emphase peninsular a accumular obras de talha, folhagens, imagens e doirados, que desdizem da singelesa usada nos primitivos seculos da Igreja. Ao meio, dentro de um pequenino sanctuario de cortinados de correr sobre ligeiros arames suspensos a pilares de bronze, ergue-se sobre columnellos de pedra a prancha do altar-mór; e atraz d'ella um baldaquino ogival todo rendilhado, de cujo alto pende no ar um cofre de prata lavrada riquissimo, onde se encerra a Eucharistia; uso que se conservou em varios templos até dois seculos atraz⁴.

Eis ahí, pouco mais ou menos, o que (segundo nos dão a entender os estudos architectonicos) deveu ser na sua primitiva, até ao século xiv ou xv, a veneranda capella-mór da sé de Lisboa. Que pena é porém, que só por sonhos a possa o curioso entrever!

¹ *Chron. d'El-Rei D. Affonso i*, cap. iii.

² *Jusqu'au xiii, siécle, les trônes des évêques et les stalles des chanoines réguliers étoient disposés généralement, dans les cathédrales, au chevet; le trône épiscopal le centre.* — Viollet-le-Duc, *Dict.*, verbo *Autel*, 22.

³ *L'usage de réserver l'Eucharistie dans des réduits tenent aux retables des principaux autels ne remonte pas à plus de deux cents ans; et encore, à la fin du xviii siécle, conservet-on l'Eucharistie dans des boites en forme de pavillons ou de tours, ou dans des colombes d'argent, suspendues au dessus des autels majeurs des grandes cathédrales et des églises monastiques.* — Viollet-le-Duc, *Dict. rais.*, verbo *Autel*, pag. 47.

(Continúa)

Julio de Castilho

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37

¹ Mem. mss. da bibl. nasc. de Lisboa—A 4—5—fl. 40 v.